

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1164	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$650	\$120	30 de Abril de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	\$700	\$120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	\$850	\$120		

Viagem de Circumnavegação do Cruzador «S. Gabriel»



CHEGADA DO CRUZADOR «S. GABRIEL» AO TEJO

dade da moda, eram marcadas pelos condescendentes, que, para fazerem a bocca doce aos apaixonados, multiplicavam o *Grand chaine* e o *Grand rond* indefinidamente.

No Entrudo, era a loucura nacional de que já não resta mais que uma saudade amortecida; e na Quaresma, como não se dançava, promoviam-se os afamados jogos de prendas, para saber cada um porque estava na berlinda; e cavatinas, e mais cavatinas, da *Clara de Rosemberg*, da *Festa da Rosa* e da *Italiana em Argel*. O immortal e perigoso *Te souviens-tu, Marie*, chegaria brevemente, mas ainda era suspeito.

Na Semana Santa, os officios em grande orchestra terminavam de madrugada; na Sé, reunia-se tudo quanto havia de conhecido em Lisboa, para ouvir principalmente o solo do *Miserere*, cantado a primôr, e que ficou tradicional: «Ensinarei aos impios os teus caminhos, e os impios se converterão para Ti.»

Em educação publica feminina brilhavam duas instituições ambulantes: uma, sobre o borrinho mais pacato da Capital, a outra no mais inoffensivo cavallinho d'este mundo. No primeiro, equilibrava-se na sua cadeirinha, desde manhã até á noite, a popular e ancian Madame Collaço, com os seus caracões amarelos de velha inglesa. No outro, erguia-se, com o seu sorriso doce, um dos artistas mais sympathicos, e ainda conhecido de muita gente viva — o Manoel Innocencio. Madame Collaço corria

CHRONICA OCCIDENTAL

Recorramos aos velhos, que não só por terem visto a mais me-recem ser ouvidos, mas porque á sombra da autoridade d'elles é que nós poderemos admittir a veracidade de factos que já não podemos vêr pelos proprios olhos. Poderemos, assim, remontar aos primeiros annos da nossa epocha liberal, que estabeleceram a transição da sociedade que desabava para a sociedade que renascia.

A nossa epocha liberal recebia ainda os costumes da vespera, mas não tardava em altera-los, paulatinamente, como é proprio da organização humana. O regimen absolutista desconhecia a vida social e democratica, e as classes achavam-se distanciadas por barreiras, que não se transpunham. A sociedade alta dividia-se em grupos, confôrme os laços do parentesco, formando cada grupo uma reunião differente. Os não parentes gosavam, como os barbaros entre os romanos, do direito da cidade, pelas prendas ou pelos haveres. Os filhos segundos não casavam; assentavam praça em Infanteria 1 ou em Cavallaria 4, ou refugiavam-se nas Conesias da Patriarchal (o que não os impedia sempre de se irem apaixonando pelas primas). Isto não é commentario nosso, que não sou do tempo; mas é dito por pessoa que pôde merecer tanto credito, como se fôssemos nós que o dissessemos...

Para estas mesmas primas as Conesias eram a clausura, a escravidão na casa fraterna, ou o casamento de encomenda. Mas emquanto não luzia o casamento de encomenda, apertavam os primos e as primas as mãos nas contra-danças — e escreviam-se mutuamente cartas romanticas de desaseis paginas, e com linhas atravessadas, o que fazia trinta e duas, em papel arrendado, com corações emblematicos nas pontas. As quadrilhas francezas, novi-



O COMANDANTE DO «S. GABRIEL» SR. PINTO BASTO RECEBENDO AS PESSOAS DE SUA FAMILIA E AMISADE QUE O FORAM COMPRIMENTAR A BORDO

(Clichés Benoliel)

os palácios a ensinar as linguas. Manoel Innocencio ensinava piano. E quando ambos se encontravam pelas ruas, naquelle corropio em que andavam, sorriam-se um para o outro, como se dissessem: — «Cá andamos no fadario!»

Mas para que ir tão longe no passado, se para o caso que a chronica de hoje tem em vista lhe bastará retroceder a uma data tão pouco afastada, que todos nós nos lembramos d'ella? Qual de nós não poderá — nós os de quarenta annos — reconstituir em mente o quadro, tão interessante, tanto a proposito recordado, do estado dos espiritos femininos ao tempo em que, a respeito de arte, de litteratura, e de politica, estavam ainda em pleno triumpho do *Noivado do Sepulchro*, cantado ao piano, e com os olhos pregados no lustre da sala?

Vae alta a noite na mansão da morte,
já meia noite com vagar souo...

Pois senhores: ainda todos nós nos lembramos d'esse tempo, e já hoje podemos assistir a uma tão profunda e consideravel transformação dos habitos da mulher portugueza, que até se lhe reconhece o direito do voto, e se lhe diz que tome uma parte bem activa na politica do seu paiz!

Longe, bem longe de nós, a idéa de que a mulher deve permanecer estranha aos assumptos que mais interessam á sua patria para sómente e comestivamente se occupar dos cuidados domesticos, reduzindo toda a sua acção social á oração. Não falta quem sustente esta these, e até pessoas intelligentes e virtuosas, assustadas com as tendencias feministas, considerando-as um perigo, uma ameaça constante contra a dignidade do sexo fragil; nós, não.

Mas o que a chronica entende ainda, e assim pensando não faz senão acompanhar a maioria da opinião do seu tempo, é que a mulher deve continuar a ser, antes de tudo, a guarda do seu lar. E' permanecendo ahí, no lugar que lhe foi distribuido, que ella melhor poderá ter uma participação importante nos destinos da sua patria. Ahí é que ella poderá, verdadeiramente, representar um grande papel pessoal, embora por um modo indirecto, na politica, levando os seus a pender para o lado da justiça, da moralidade e de todas as boas causas.

JOÃO PRUDENCIO.



Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

Chegou ao Tejo, no dia 20 do corrente, o cruzador *S. Gabriel*, depois de uma viagem de circumnavegação, que durou desassete mezes e oito dias, tendo partido do porto de Lisboa em 11 de dezembro de 1909.

E' este um fasto da marinha portugueza que não sabemos doutro igual realiado de tempos remotos.

No seculo XVI o portuguez Fernão de Magalhães, depois de ter illustrado seu nome em Africa, em tres gloriosas expedições, propoz a El-rei D. Manuel fazer uma viagem de circumnavegação, dando a volta ao globo pelos mares do Sul, cuja passagem pretendia descobrir. Mas o ousado navegador e guerreiro, intrigado na côrte, cahira da graça do rei afortunado, e foi-se a Castela oferecer seus serviços a Carlos V, que os aceitou, e, realisando então seu intento, descobriu a passagem para o mar do Sul com a primeira viagem de circumnavegação, a través do estreito, que ficou denominado *Estreito de Magalhães*, e o mar que para lá encontrou lhe chamou *Pacífico*, pela bonança que nelle fazia (1).

Assim, foi um portuguez, embora ao serviço de Espanha, que descobriu a passagem para o mar do Sul, incurrindo o caminho da India, ideia predominante dos navegadores do seculo XVI.

Camões celebra, nos seus immortaes *Lusiadas* o feito de Magalhães:

«Eis-aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo daes,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegaes.
Mas é tambem razão, que no Ponente
D'um Lusitano um feito ainda vejaes,
Que de seu Rei mostrando-se agravado,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.»

O quanto esse descobrimento aproveitou á humanidade dil-o a influencia que elle teve na civilização do mundo, completando a obra de Vasco da Gama, de Alvares Cabral e outros nossos navegadores, sonhada e planeada pelo Infante D. Henrique.

Sempre é bom recordar estas coisas, particularmente no momento em que um navio portuguez acaba de atravessar aquelles mares, numa viagem de circumnavegação, em que seus tripulantes tiveram, seguramente, a alegria de verem arvorada a bandeira da patria nas quatro partes do mundo, indicando que a todas ellas Portugal estendia seus dominios.

Logo que o cruzador *S. Gabriel* chegou ao Tejo, pensámos em ter uma entrevista com o seu comandante, o capitão de fragata sr. Antonio Aloyso Jerves Athougua Ferreira Pinto Basto, que nos recebeu prontamente em sua casa, com a delicadessa de um gentilhomem e a franqueza propria de um homem do mar e que nos mares tem passado o melhor de vinte e oito annos da sua vida, desde que ha uns trinta annos entrou na marinha portugueza.

E' dos officiaes mais experimentados da nossa marinha de guerra, e quando outros factos não atestassem o seu saber e pericia, bastaria a viagem que acaba de realisar, sem um incidente desagradavel, conduzindo o seu navio a setenta e oito portos e a salvamento, numa derrota de 16 mezes e 8 dias, para o confirmar.

— Pelo que li nos jornaes, visitou V. Ex.^a com o seu navio setenta e oito portos?

— E' verdade; foi uma viagem de verdadeira instrução, pois percorremos todos os mares e numa grande parte dos portos onde entrámos podémos apreciar muitos estabelecimentos scientificos, arsenaes e outros que visitámos, com grande proveito para a officialidade e marinheiros. Para as colonias de portuguezes, especialmente nas da America do Norte, foi completa novidade a visita de um navio de guerra portuguez, coisa que nunca ali fôra visto.

— Nessas colonias a recepção foi muito festiva...

— Muito, assim como em todas as que visitámos, o que não quer dizer que em outros portos não nos recebessem tambem admiravelmente, proporcionando-nos todos os meios de visitarmos os estabelecimentos do Estado, onde havia muito que vêr e aprender. Nos meus apontamentos de viagem tenho tudo isso notado.

— Mas esses apontamentos são preciosos e devem interessar sobremaneira o publico. Se V. Ex.^a m'os facilitasse eu agradeceria reconhecido, em nome dos leitores do OCCIDENTE.

— Estão ao seu dispôr, diz nos franca e abertamente o sr. Pinto Basto; a parte que tenho mandado para os *Annaes do Club Militar Naval* e os que ainda tenho em carteira, podendo tambem fornecer-lhe alguns dos desenhos que por lá fiz.

Esta generosa cedencia dispensava-nos naturalmente de inquerirmos do sr. Pinto Basto mais pormenores sobre a viagem que, com tanta felicidade e ciencia, fizera, e por isso pouco adiantámos nossas perguntas que não foram além de nos ilucidar sobre as despezas feitas, que deveriam ser consideraveis para os recursos do nosso país.

— Puro engano, atalhou o sr. Pinto Basto. E' certo que se dispendeu com esta viagem cento e setenta e quatro contos, mas esta quantia é inferior á que se gastou com a permanencia do navio em Moçambique que custou cento e noventa e quatro contos. Já vê que por todos os modos foi bem mais vantajosa esta viagem.

— Certamente e agora pedia ainda a V. Ex.^a a fineza de me facultar uma relação dos officiaes que tomaram parte nesta, já agora, historica viagem.

E o illustre comandante apresentou-nos a seguinte relação:

Comandante, capitão de fragata, A. J. Ferreira Pinto Basto; capitão-tenente, Benjamin de Paiva Curado; 1.^o tenente, Antonio Branco Martins; 2.^o tenentes, José Luis Teixeira Marinho, Fernando Vasconcellos Sá Pereira, Annibal de Mesquita Guimarães, José Meyrelles Garrido; medico naval de 1.^a, Antonio Januario da Silva; maquinista naval de 1.^a, Carlos Henrique Lebre; maquinista naval de 2.^a, Henrique Guilherme Fernandes, Manuel Martins, José Miguel Gomes, Francisco Simões Pires; commissario naval, Francisco João de Vasconcellos; guardas-marinhas, Pereira Leite, Mario de Sena Barcellos Nascimento, Fernando de Oliveira Pinto, Luis Augusto de Matos

Castro, Francisco Penteado, Eugenio de Barros Soares Branco, Henrique Owen Pinto, Armando Perestrello Botelho, Raul Queimado de Sousa, Fernando Fabio Teixeira Diniz, Carlos Frederico, Elston Dias; aspirantes a maquinistas, Artur Caetano Dias, João Sequeira de Castro, Annibal José de Figueiredo e Alberto Dias da Silva.

A guarnição total do navio era de 253 praças.

Obtido este esclarecimento, retirámo-nos extremamente penhorados pela excelente acolhida que nos fez o sr. Pinto Basto, habilitando-nos a dar a nossos leitores o interessante roteiro da viagem, que em seguida principiamos a publicar, e cujo interesse é escusado encarecer.

De Lisboa à Madeira

No dia 11 de dezembro pelas 3 h. e 40 m. da tarde, pouco depois de ter saído de bordo *S. Ex.^a* o Ministro da Marinha, largámos da boia e com maré de vasante seguimos para a barra.

Entre torres soltámos o rumo para o pharol de Porto Santo, rumo que, como se sabe, coincide com o enfiamento do eixo da barra. Fóra da barra encontrámos ondulação de NW. e vento do mesmo rumo, que por vezes era acompanhado de chuva. Pelas 9 h. da manhã do dia 12, a 160 milhas de Lisboa, communicámos pelo telegrapho sem fios com uma estação, que não pudémos averiguar qual fôsse, informando estar tudo bem a bordo. Avistámos dois vapores quando cruzámos a linha de navegação Canarias-Finisterra. O vento que, á saída de Lisboa, era como disse NW. fraco, rondonou pouco a pouco para NE. onde se firmou; na manhã de 13 diminuiu de intensidade, continuando o tempo nublado. Ás 9 h. (a. m.) avistou-se Porto Santo pela prôa e á 1 h. (p. m.) fundéamos em frente da povoação em 5 braças de fundo. Lançou-se ao mar e fundeou-se um alvo á distancia de 850 metros, começando o exercicio de artilharia. Fui a terra onde o delegado marítimo me informou que não vae a bordo dos navios por não ter embarcação e não lhe terem sido pagas as embarcações que tem alugado para esse fim.

Entendo ser este facto inconveniente, tanto mais que tem nos ultimos mezes vindo aqui fundear, para fazer exercicios, não só navios de guerra portuguezes, mas tambem allemães e holandezes. O delegado marítimo deve, no meu entender, ter uma embarcação sua e um patrão para d'ella tomar conta, podendo o resto do pessoal ser contratado na occasião em que fôr necessario d'entre os pescadores da terra.

Estas ilhas são bastante ricas para poderem fazer esta pequena despeza, que a meu vêr é indispensavel.

Logo que fundeei apaguei uma das caldeiras que só tornarei a accender para sair do Funchal. Temos navegado com grande economia de combustivel, não só para conseguir fazer esta longa viagem dispendendo em carvão o minimo possivel, mas tambem para fazer um estudo sobre o raio de acção d'este navio com diferentes velocidades, preparando-nos assim para a travessia de 3400 milhas entre Honolulu e Yokohama.

Na noite de 14 começou a soprar vento sul e a descer o barometro. Como o navio estivesse perto de terra e a proa a este vento só houvesse 3 braças de fundo á pôpa, não sendo o fundeadouro seguro, preparámo-nos para suspender, o que se fez pelas 6 h. e 30 m. da manhã de 15.

Fômos buscar o alvo e suspender os ferros com que estava fundeado e pelas 7 h. e 30 m. seguimos em direcção ao Funchal. Pouco depois de deixar Porto Santo communicámos por meio do telegrapho sem fios com o paquete da Royal Mail o *Asturias*, fundeado no Funchal e tive a satisfação de observar que o nosso pessoal telegraphico vae fazendo notaveis progressos. Pelas 8 h. e 50 m. fundeamos no Funchal d'onde devemos partir no dia 18 para a ilha de S. Vicente de Cabo Verde.

Em Porto Santo adquirimos 90 kilogrammas de atum a 66,6 réis o kilogramma para substituir o bacalhau, o que a guarnição muito apreciou, obtendo-se notavel economia para a Fazenda (15-12-1909).

Da Madeira a S. Vicente

Pela 1 h. da tarde do dia 15 de dezembro fundéamos no Funchal e logo em seguida enviei o tenente Mesquita Guimarães, encarregado dos signaes, a bordo do paquete inglez *Asturias* agradecer ao commandante as communicações radio-telegraphicas que connosco tinha feito pela manhã e pedir para continuar as experiencias depois da sua partida que teve logar pelas 2 h. da tarde. As communicações havidas entre o *Asturias* e *S. Gabriel*, são muito interessantes por serem

(1) *Descobrimto das Filipinas*, por Fernão de Magalhães, 1 vol. por Caetano Alberto, edição illustrada, 1898, Empresa do OCCIDENTE, Lisboa. Este volume conta toda a historia da primeira viagem de circumnavegação.

as primeiras realizadas com o nosso pessoal e n'ellas se verificou que falámos perfeitamente até 158 milhas. Tenho por enquanto duas praças capazes de trabalhar com o telegrapho. O cabo signaleiro 3.^a — 979 Roberto F. Pereira e o 1.^o marinheiro 3.^a — 2405 José Joaquim Rato. O primeiro ha seis annos que sabe transmittir com chave Morse, por isso aprendeu rapidamente a transmittir 20 palavras por minuto. Quanto a receber, por enquanto só é capaz de receber 10, em vez de 20 que são necessarias para ter em Inglaterra o diploma de telegraphista. Acho porém para admirar a maneira como estas praças já recebem correctamente despachos em inglez, idioma que desconhecem por completo.

Pelas 3 h. da tarde desembarquei para visitar: o Secretario Geral fazendo de Governador, Comandante Militar, Bispo e o Capitão do Porto que tinha vindo a bordo apresentar-se.

No dia 16 pela manhã, refrescou o vento que era SW. augmentando a vaga. A's 10 h. resolvi mudar de fundeadouro, por estar perto de mais terra em vista do tempo que fazia. Suspendemos e fômos fundear por fóra da Pontinha, em 30 braças, no fundeadouro mais de barlavento dos que veem indicados nas cartas e roteiros do Almirante inglez. Como o mar e o vento augmentassem, continuando o barometro a descer, resolvemos seguir para o mar e deixar o fundeadouro. Andámos de vagar com prôa á vaga até ás 2 h. da tarde. Como a essa hora o tempo pareceu ter melhorado, voltámos ao ancoradouro que ainda estava mau e seguimos para sotavento da ilha para nos abrigarmos do mar e do vento, onde pairámos á vista do pharol de S. Lourenço até ás 6 h. (a. m.) do dia 17. Tendo, por essa occasião, melhorado o tempo, regressámos ao Funchal, onde fundeámos pouco depois das 8 h. debaixo d'uma chuva torrencial. Comquanto o vento tivesse rondado mais para W. na bahia havia bastante vaga dificultando os embarques e desembarques dos escaleres para o navio. Em terra desembarcava-se bem, dentro do porto artificial. Regressaram a bordo o 1.^o machinista e o commissario que por não terem podido embarcar tinham ficado em terra. Tivemos varios convites para jantares e soirées que o estado do tempo nos impediu de acceitar.

No dia 18 attestámos a aguada com 36 toneladas, mettemos um boi e mantimentos e ás 6 h. e 30 m. da tarde suspendemos e seguimos para S. Vicente. A apparencia do tempo foi pouco a pouco melhorando, mas o vento continuou soprando do SW. com mais ou menos violencia.

No dia 20 de manhã começou a apparecer uma vaga larga de NNW. que continuou até á noite de 21.

Aproveitavam-se estas noites de atmospheria clara e de luar para fazer praticar os aspirantes em calculos pela lua, planetas e estrellas. Só na manhã de 22 appareceu o geral de NE. que seguindo os roteiros n'esta epocha do anno deviamos ter encontrado ao norte das Canarias. A's 9 h. e 30 m. da manhã avistou-se pela prôa a mais de 60 milhas a ilha de S. Antão. O vento foi refrescando até ás 4 h. e 30 m., hora a que entrámos no porto de S. Vicente fundeando em 8 braças de fundo. Salvámos á terra, e preparou-se tudo para receber no dia seguinte carvão.

Durante a viagem mandei collocar na tolda um quadro com uma carta geral onde todos os dias se colloca uma bandeirinha no sitio do ponto, como é uso praticar nos paquetes de grandes linhas de navegação. Fiz isto com a idéa de que talvez as praças se interessassem e durante esta larga viagem pudessem fazer uma idéa do caminho percorrido. Notei que em frente do quadro estiveram constantemente praças, o que demonstra uma certa e louvavel curiosidade. Resolvi em vista d'isto que duas vezes por semana os aspirantes fizessem conferencias ás praças sobre os mares, paizes e portos que vimos percorrendo, o que, se dá ás praças uma certa illustração, não é menos proveitoso para os aspirantes que são obrigados a rever materias que já estudaram, mas que é muito provavel se tivessem esquecido. Tratando de instrucção não posso deixar de lamentar que durante os nove annos de preparatorios que tem os aspirantes, tão pouca importancia se ligue ao conhecimento da lingua ingleza para nós tão indispensavel, visto serem inglezas as cartas e roteiros, inglezas a maioria das

taboas nauticas e livros de navegação, inglezes a maioria de navios que se encontram e finalmente ingleza a lingua usada internacionalmente com o telegrapho sem fios (23-12 909).

De S. Vicente a S. Thiago

No dia 23 de dezembro ás 7 horas da manhã começou a faina de metter carvão que durou até á noite, mettendo a bordo 195 toneladas ao preço de 28 shellings, carvão fornecido pela Companhia de S. Vicente que tem contracto com o Governo Portuguez. Na manhã seguinte uma boa barca d'agua a vapor, forneceu-nos 53 toneladas d'agua ao preço de 18000 réis a tonelada. Retribui a visita que me fóra feita pelo commandante militar e ás 6 h. da tarde partimos para a cidade da Praia, onde chegámos pelas 10 h. e 30 m. da manhã de 25. Recebi a visita do ajudante do governador e vieram apresentar-se o commandante da *Zambeze*, capitão-tenente Bacellar e o capitão dos Portos Ludovice. Todas estas visitas foram por mim no mesmo dia retribuidas. De tarde rea-



ANTONIO A. J. ATHOUGUA FERREIRA PINTO BASTO
CAPITÃO DE FRAGATA

COMANDANTE DO CRUZADOR «S. GABRIEL» QUE FEZ A VIAGEM
DE CIRCUMNAVEGAÇÃO

lisou-se uma regata promovida pela Liga Naval, ganhando o nosso primeiro escaler o primeiro premio das regatas de véla. Na noite de 26, na séde da Liga Naval teve logar a distribuição dos premios feita pelo Governador, festa para a qual foram convidados os officiaes d'este navio. O tenente Mesquita Guimarães que governava o 1.^o escaler recebeu uma cigarreira de prata e a guarnição seis mil réis.

No dia 27 fizemos durante todo o dia exercicio de tiro ao alvo para satisfazer ao programma da Escola Naval relativo ao tirocinio dos aspirantes. Veio a bordo o Governador Martinho Montenegro, acompanhado pelo seu ajudante, Barão de Cadoro. A' noite jantei com o Governador assim como o commandante da *Zambeze*.

De S. Thiago á Bahia

A 28 de dezembro pelos 9 h. da manhã suspendemos e começámos a navegar em direcção á Bahia com as duas caldeiras funcionando, mas com a velocidade de 10' por hora. No mar, NE., regular e tempo nublado. No dia 29 fez-se um exercicio geral de postos de combate, exercicio que se repetiu no dia 30 fazendo fogo as peças de 15 cm., de 12 cm. e de 47 mm. Notou-se que falham grande numero de escorvas de 12 cm. e de 47 mm., facto que já se dera na ultima viagem de instrucção que fez este navio e do qual informei superiormente. E' um defeito muito grave nas munições que é urgente remediar.

De tarde durante duas horas exercitaram-se os aspirantes na regulção da agulha do tombadi-

lho (Hezzanith) por meio de barras e compensadores esphericos.

Continuou no dia 30 a brisa mas já mais fraca. No dia 31 de dezembro entrámos na região das calmas, trovoadas e aguaceiros. De manhã observou-se perto do navio uma tromba que se manteve perto de meia hora.

No dia 1 de janeiro cortámos o equador pelas 10 h. e 30 m. da manhã. Celebrou-se a bordo a tradicional festa da passagem da linha sem que houvesse qualquer occorrença desagradavel.

No dia 2 de janeiro entrámos no geral SE. encontrando vento fresco, mar ondulado e ceu limpo. A's 10 h. e 30 m. da manhã avistámos a ilha de Fernando de Noronha, da qual nos aproximámos para transmittir para o semaphorico o nosso nome que por elle foi reconhecido.

Contornámos o norte da ilha, onde estavam dois vapores fundeados e ás 10 h. e 40 m. seguimos novamente em direcção á Bahia. No ilheu do Rato está construido um farol que creio não funcção ainda, visto não vir mencionado, nem no roteiro (South America Pilot), nem no livro dos faroes.

A 3 de janeiro continuou o geral sueste acompanhado de trovoadas. A's 11 h. e 30 m. da manhã avistou-se terra pela amura de EB. da qual nos fômos aproximando até ás 5 h. e 30 m., hora a que passámos umas 5 milhas ao mar de Pernambuco. Pelas 7 h. e 15 m. estava pelo travez o farol de S. Agostinho e ás 9 h. e 30 m. o de Tamandaré.

Continuando a navegar em direcção á Bahia avistámos pela prôa ás 5 h. da manhã do dia 5 o farol de Hapuan, seguimos ao longo da costa, desviamos-nos do baixo de Santo Antonio, onde faltam varias boias e ás 8 h. 30 m. fundeámos na Bahia com oito dias incompletos de viagem desde S. Thiago de Cabo Verde.

Pouco depois de fundearmos na Bahia vieram a bordo cumprimentar-me o capitão do Porto, o commandante do navio-escola de alumnos marinheiros (aprendizes de marinha) *Caravellas*, o consul Luiz Corrêa da Silva, o chanceler do consulado e um representante da casa Wilson. Como verbalmente informei a V. Ex.^a antes da minha partida de Lisboa, obtive das sédes em Londres, das principaes casas carvoeiras dos portos que vou percorrendo, ordem para me ser fornecido carvão da melhor qualidade pelo preço do mercado, ou pelos preços que é fornecido aos paquetes que por esses portos fazem escala.

Espero assim obter grande economia para a fazenda, evitar ser illudido e ter questões desagradaveis. Por isso me apparecer am na Madeira e Bahia logo que cheguei, representantes da casa Wilson, cujos serviços declinei, visto que em nenhum d'estes dois portos metti carvão.

Retribui n'este mesmo dia as visitas que me foram feitas e travei conhecimento com o capitão de fragata da marinha chilena Florencio Dublé, commandante do transporte de guerra *Roncagua*, que me deu interessantes informações sobre a navegação no canal de Smith, no estreito de Magalhães e uma carta para o Ministro da Marinha do seu paiz.

Sendo 6 dia feriado, fiz no dia 7, acompanhado pelo consul e chanceler, visitas officiaes: ao governador do Estado dr. Araujo Pinho, ao commandante militar, coronel Soter de Menezes, Intendente Municipal conselheiro Carneiro da Rocha, arcebispo Primaz do Brazil D. Jeronymo Thomé e Gabinete de Leitura. Todas estas auctoridades foram para commigo d'uma grande amabilidade e retribuiram-me a visita no dia seguinte.

Ao entrar no Palacio do Governo e no quartel, as bandas que nos esperavam, á entrada, tocaram o hymno portuguez.

N'este mesmo dia fui com os officiaes e aspirantes visitar o hospital da Beneficencia Portugueza, lindamente situado perto de Tapagipe e mantido com inexcédavel aceito. Foi-nos alli offerecida uma ligeira refeição, onde se trocaram affectuosos brindes ao Rei de Portugal, á Marinha Portugueza, etc. No dia 8 teve logar um almoço no consulado, ao qual assistiram 21 pessoas, entre as quaes 10 officiaes e aspirantes do *S. Gabriel* e os principaes negociantes portuguezes. A' noite realizou-se no theatro uma recita offerecida aos officiaes portuguezes.

Obtive auctorisação para os aspirantes poderem ir regular os chronometros ao forte do Mar que,

para esse fim, tem a vantagem de ter as coordenadas perfeitamente determinadas.

Durante a nossa permanência na Bahia foi o navio visitado por grande numero de portugueses e bastantes brasileiros, alguns dos quaes vinham acompanhados por suas familias.

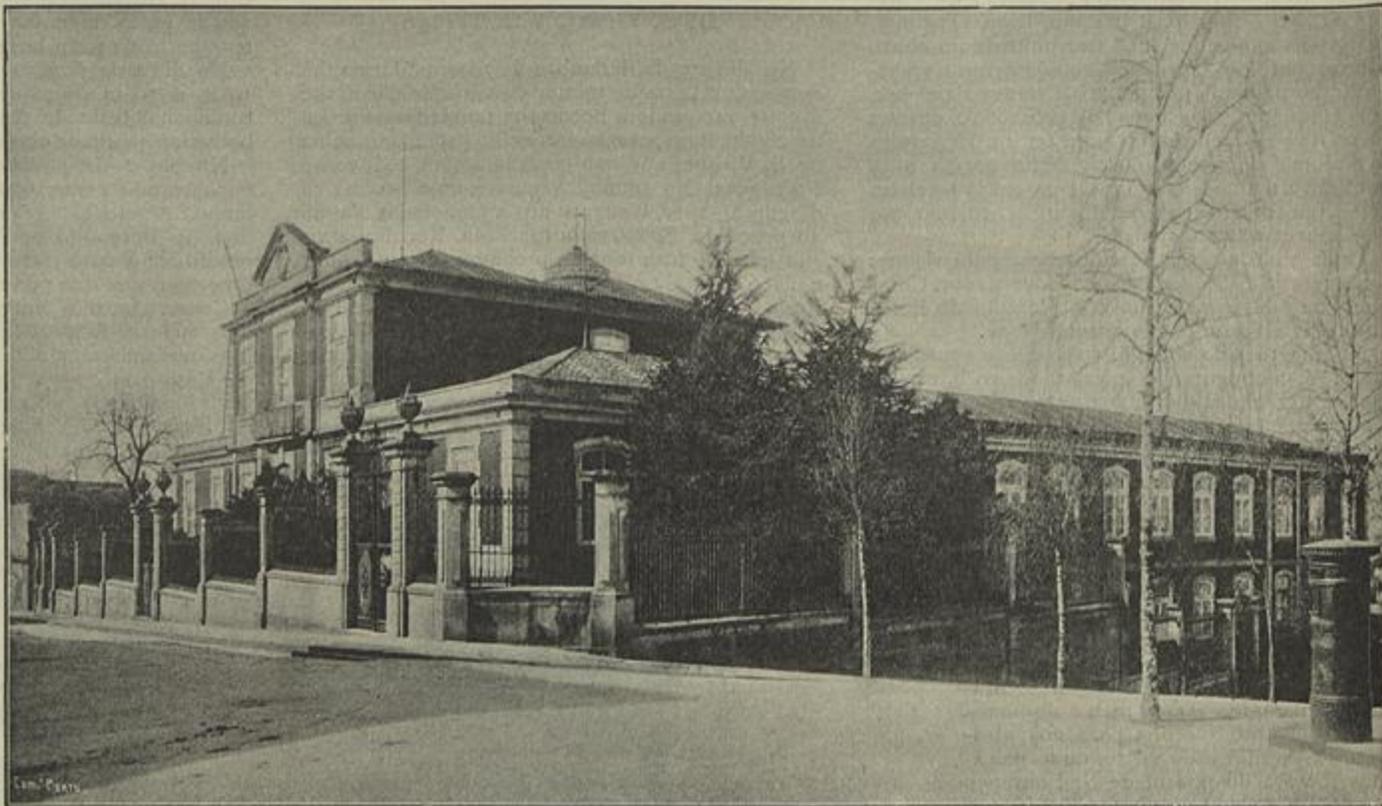
No dia seguinte ao da nossa chegada estiveram a bordo as direcções do Gabinete Portuguez de Leitura e da Beneficencia Portugueza, ás quaes fiz entrega das publicações que para ellas trazia da Sociedade de Geographia e Liga Naval.

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata



Escolas Normaes do Porto



VISTA EXTERIOR DA ESCOLA

Está, emfim, decretada a nova lei da Instrução Primaria, abrangendo o ensino infantil, primario e normal.

Publicou-a o *Diario do Governo* de 30 de março, compreendendo 177 artigos que se dividem por VI partes, cuja primeira, DO ENSINO INFANTIL, PRIMARIO E NORMAL, consta de VI capitulos: *Da direcção do ensino — Do objeto, categoria e grau do ensino — Da orientação do ensino — Da obrigatoriedade e gratuidade do ensino — Da liberdade de ensino*; a segunda parte, DA ADMINISTRAÇÃO E ASSISTENCIA ESCOLAR, consta de IV capitulos: *Da dotação do ensino — Da administração escolar — Da assistência escolar — Dos resultados do ensino*; a terceira parte consta de I capitulo: DO MAGISTERIO PRIMARIO; a parte quarta, DO ENSINO NORMAL PRIMARIO, tem III capitulos: *Do ensino — Dos alumnos — Dos professores*; a parte quinta, DA FISCALISAÇÃO DO ENSINO PRIMARIO, tem só I capitulo; a parte sexta, DISPOSIÇÕES TRAN-

SITORIAS, é seguida do quadro provisorio dos professores e tabelas dos seus vencimentos e dos de mais funcionarios das escolas.

E' muito complexa a lei; não nos propomos reeditá-la aqui, mas simplesmente saudá-la, como os israelitas saudariam a vinda do seu Messias por que esperam!

E' o salvaterio deste povo que ia a perder-se num tenebroso mar de ignorancia, elle tão vivo, tão inteligente, tão valioso!

Temos pena que a nossa idade já não nos permita assistir á regeneração que vae iniciar-se, por que é absoluta a nossa confiança nos seus resultados, se a nova lei não naufragar a meio caminho, por entre as dificuldades que se levantarão, em que as não menores serão o vencer a rotina, o dispôr de pessoal docente competentemente habilitado, e o arcar com as despesas, não obstante repartirem-se por cada concelho.

Ha concelhos tão pobres! Embora, se tiverem a compreensão nitida dos beneficios que infalivelmente lhe advirão, vale bem a pena o maior dos sacrificios para educar homens, fortes na consciencia dos seus direitos e dos seus deveres, aptos para a vida pratica, independentes por essa força, e que bem dirão da terra em que nasceram pelo amor com que cuidou delles desde o berço, livrando-os de os fazer passar por todas as humilhações da ignorancia, e armando-os fortemente para a luta contra a miseria.

Vale bem todos os sacrificios a regeneração desta raça superior tão abandonada, tão desaproveitada.

A instrução mereceu, emfim, neste país a atenção dos poderes publicos. A' Republica, que se propõe criar uma patria nova, competia logicamente essa missão, e nem doutra forma se criará tal patria nova, pela mesma razão que para erigir um edificio são precisos os alicerces.

Os alicerces são a escola primaria, desde a infantil até á complementar, depois todas as outras são consequencia desta e nellas se irão reflectir os efeitos da primeira.

Para o objeto destas linhas importa saber qual a orientação dessa escola, e dos 177 artigos da lei, basta-nos destacar estes:

«Artigo 12.º Todo o ensino primario deve ser essencialmente pratico, utilitario e quanto possivel intuitivo.

Art. 13.º Os agentes deste ensino terão em vista que o fim da escola primaria consiste em habilitar o homem para a luta da vida, ministrando uma educação que tenda substancialmente a esse fim.»

Eis tudo; eis a questão magna que tem vindo assoberbando as gerações nesta terra portugueza. Resolvê-la é tudo e benemeritos serão to-



VISTA DO JARDIM BOTANICO E CAMPO EXPERIMENTAL

Escolas Normaes do Porto

O relatório da referida comissão, de 1885, conclue com o seguinte:

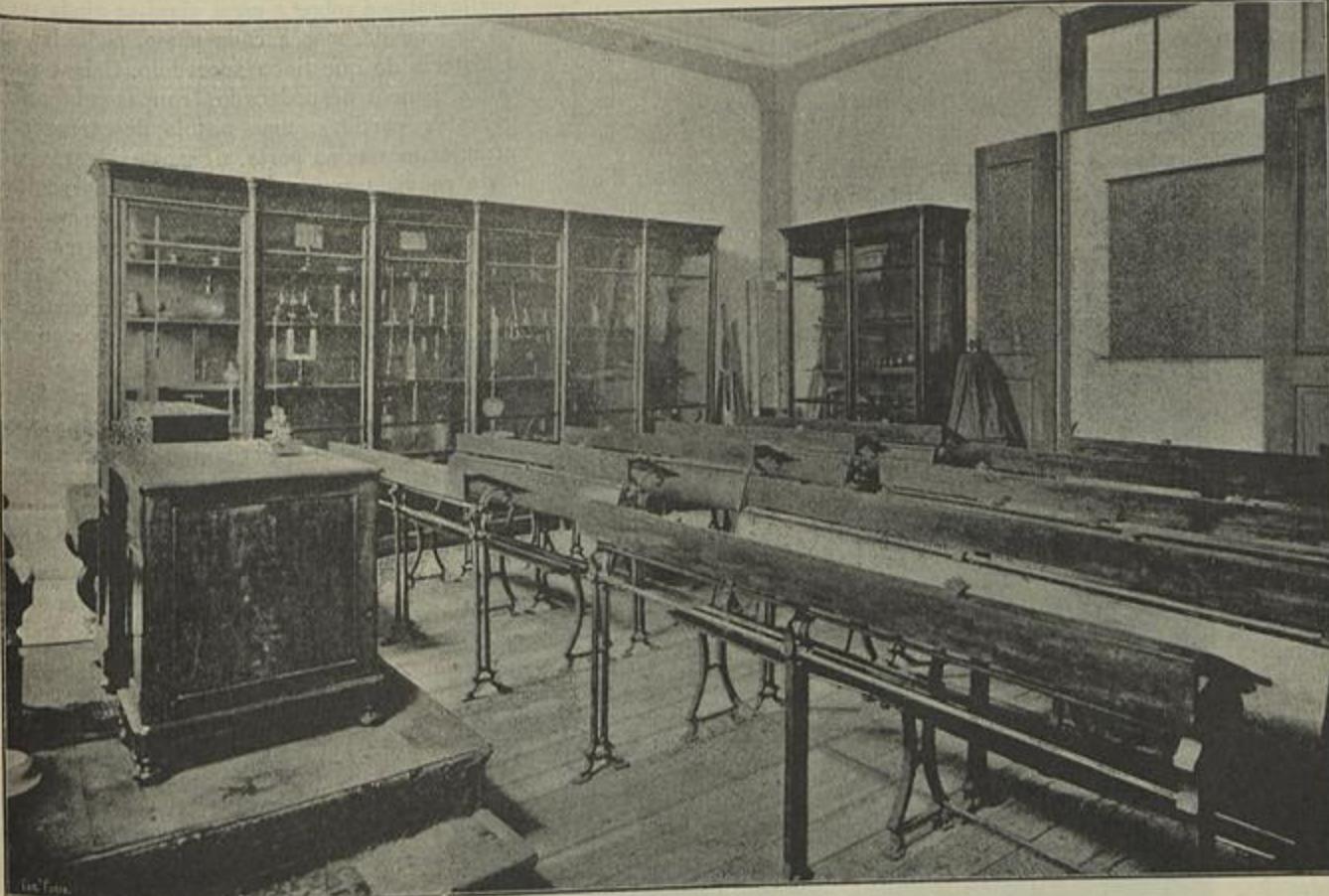
«Ahi fica o que importa á junta saber, e que é dever nosso relatar, com respeito á primeira e mais grandiosa obra da nossa época, construída neste país por uma corporação distrital e para um fim tão util e de tamanha vantagem...»

No *Anuario das Escolas Normaes do Porto*, I, 1882-1909 e II, 1909-1910, de que nos estamos socorrendo para este artigo, lê-se o seguinte:

«E' justo consignar que á iniciativa calorosa e á tenacidade inquebrantavel do conselheiro José Guilherme Pacheco se deve, principalmente, ter sido dotado o Porto com um instituto que por tantos motivos o honra.»

Estão estas escolas dotadas de todo o material de ensino mais completo, de cuja aquisição foi encarregado o professor sr. Francisco Bernardo Braga. Os aparelhos de quimica e de fisica foram fornecidos pela casa Secretan, de Paris. As colleções do gabinete de historia, foram fornecidas pelo naturalista E. Deyrolle, compreenden-

do 5:000 tipos dos mais característicos. Para as aulas de desenho e geometria, receberam-se exelentes colleções de estampas alemans e francêsas, assim como modelos de gesso de Stuttgart. A aula de geografia possui cartas e esferas dos melhores cartografos, como são Kiepert, Petermann, Sidow, Wetrel, Stieler, Levasseur e Meissas. Cartas e esferas em relevo, quadros geograficos, planetarios, etc. Os museus pedagogicos possuem colleções importantes, como são a de Deyrolle (museu escolar), de Saffray (lições de cousas), Schubert (coleção de estampas), Fröbel, etc.



AULA DE FISICA

dos que na sua solução se empenhem. Das difficuldades que apontámos para a execução desta lei, a do pessoal docente habilitado é aquella que não é facil remover de pronto, por falta de materia prima sufficiente; mas como os platonismos se deverão desterrar, para entrarmos no campo de acção pratica, é precisamente este o primeiro ponto a atender, tratando das escolas normaes, que devem fornecer aquella materia prima.

Chegámos ao objeto principal deste artigo, qual o das Escolas Normaes do Porto.

Pelo que nos consta, não ha no país outro estabelecimento deste genero que se lhe compare. Nisto, como em outras cousas, adeantou-se a cidade do Porto á capital, e desde 1882 que ali foi inaugurada a Escola Normal, em virtude da lei de 2 de maio de 1878 que creou estas escolas, e regulamento de 28 de julho de 1881.

Não tardou muito que a Junta Geral do Distrito deliberasse construir um edificio proprio, estabelecendo, comtudo, desde logo as Escolas Normaes, em uma casa alugada, na rua das Flôres.

A este proposito lê-se no relatório da comissão delegada da Junta Geral do Distrito do Porto, apresentado em novembro de 1892, o seguinte:

«A abertura destas escolas é um dos cometimentos mais importantes que se teem realisado neste distrito, pelos frutos abençoados que produzirá; e se vos compenetrardes da urgentissima necessidade que ha de construir um edificio proprio para a instalação destas escolas, sereis bemditos de Deus e dos

homens, porque o edificio onde se acha a funcionar, ainda que seja, como é, um dos mais espaçosos que existem nesta cidade, comtudo está longe de ter as condições precisas para a instalação deste instituto escolar.»

O edificio fez-se e ocupa com todas as suas dependencias a area de cerca de 5:407^m2,00. O seu custo elevou-se a 122:6568459 réis, incluidos terrenos, construção, ornamentação, mobiliario, material e jardinagem, tendo ficado tudo concluído em 1886.



SALA DA BIBLIOTECA E DE EXAMES

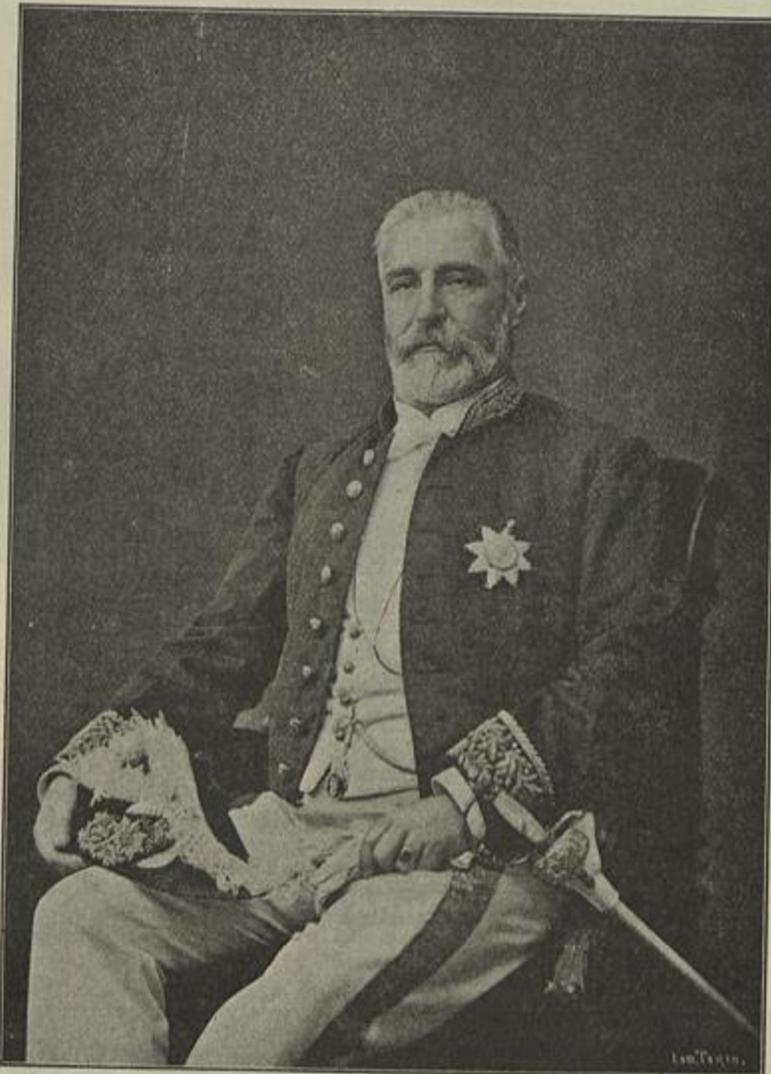
A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1163)

— «A casa de um doido não pôde ser d'outra maneira — disse o capitão Nepeen que estava mais pallido que um cadaver. — Se o não tivesse visto com os meus proprios olhos,



JOSÉ GUILHERME PACHECO

Mr. Begg, não o havia acreditado. E contudo, é certo e mais que certo!...

— «Não temos que duvidar — respondi, — é a casa de um doido, e os que a habitam são demonios. Mas mais tarde falaremos a este respeito, porque as paredes pôdem ter ouvidos. Vá sempre com a arma engatilhada e prompta a fazer fogo, porque pôde haver por aqui mais gente que a nossa. Olhe, repare, ahi está o primeiro morto.

«Todos se detiveram ao ouvir-me estas palavras, e viram depois o que os meus olhos tinham descoberto, isto é, o corpo de um homem estendido no solo, e que estava exactamente sob a luz d'uma lampada.

— «Um — disse, — e o que o matou está bem visivel! Assassinarão-no quando estava a dormir. Olhe, ali tem a arma que o matou.

«Um marinheiro, rapaz ainda novo, que nos acompanhava, estremeceu de pavor ao vêr a navalha enterrada do lado esquerdo do cadaver, entre a terceira e quarta costella, e cujo cabo se via fóra da camisola de marinheiro.

«Arrastámos o cadaver para um sitio mais escuro, e continuámos o nosso caminho.

«Achavamo-nos então perto do grande dor-

mitorio cuja porta eu tinha fechado, mas agora encontrava-se aberta e com o ferrolho partido. As lampadas continuavam accesas n'aquelle salão e sobre a mesa viam-se ainda restos de comida, mas a cada passo, podia ler-se a historia do que tinha succedido. Caixas voltadas, bancos despedaçados, roupas pelo chão, garrafas partidas, uma pistola descarregada, grandes móssas na porta, signaes evidentes por onde se via terem-na forçado com barras de ferro; finalmente, uma desordem enorme que testemunhava perfeitamente a lueta travada para conseguirem a luz e a liberdade. Os prisioneiros haviam fugido, mas alguma vida teria sido o preço da sua liberdade.

«N'um relance d'olhos que lancei em volta da casa, vi tudo isto, e sahi logo seguido dos meus companheiros.

— «Os passaros bateram azas, mas um d'elles pagou com a vida, disse. — São mais cinco de quem nos temos de apoderar, e que naturalmente estão por ahi escondidos. Adiante, rapazes; não se dirá, que sendo nós oito, temos medo de cinco.

«Falava assim para lhes dar coragem, porque, na verdade, aquelle mysterio e obscuridade começavam já a contender-me com os nervos.

«Conforme iam penetrando pela caverna dentro, mais me sobressaltava a cada passo, porque julgava vêr nas projecções da rocha uma figura humana que se occultava. Onde estavam aquellos homens que não appareciam? Estariam espionando os nossos passos sem dar-mos por isso, e apontando-nos os revólveres conforme nos mettiamos pelas trevas?

«Mas não se ouvia nada de anormal, nenhum som estranho a não ser o da machina, que continuava sempre no seu labutar methodico, enviando-nos o ar respiravel.

«A primeira voz que ouvimos, veiu lá do alto da escada que conduzia á casa das machinas, e partiu d'uma caverna que não estava illuminada.

«Acabava eu de chamar o capitão Nepeen para que me acompanhasse ali, e dava ordens aos outros para que esperassem, quando um relampago brilhou no meio d'aquella escuridão, á claridade do qual reconheci Kess Denton, o homem amarello a quem havia deixado sem sentidos á porta do bungalow de Ruth. A sua gigantesca figura, de cabeça amarrada e o peito e braços nus, tendo na mão uma espingarda, appareceu-me por um instante como o genio das trevas, e desapareceu soltando uma gargalhada sinistra que resoou pela caverna e cujo tom sarcastico nos irritou a todos.

«No mesmo instante, o marinheiro novo que se havia enternecido ao vêr o morto, cahiu de cabeça pela escada abaixo, e soltando um gemido entregou a sua alma ao Creador.

«Era este o primeiro homem que morria pela causa de Ruth Bullenden.

«Demos meia volta ao ouvir a detonação e disparamos as espingardas ao acaso, pela caverna dentro. Os outros homens que haviam ali, receberam aquelle diluvio de chumbo, mas não me importei com isso, nem quiz saber dos feridos.

Vê-se que estas escolas estão organisadas conforme as exigencias do ensino moderno e nem d'outra forma ellas aproveitariam hoje.

No discurso inaugural, proferido pelo sr. Bento Carqueja, director interino, na sessão de 14 de novembro de 1908, encontramos os seguintes periodos, que mostram a orientação destas escolas:

«A organização do ensino normal carece de ser de molde a dar aos futuros professores, a par da conveniente instrução, a devida capacidade profissional. Bastaria hoje, para caracterisar o atraso de um povo, que o mestre-escola não tivesse aptidões senão para ensinar a lêr, escrever e contar. O professor moderno, quer exerça o magisterio na mais prospera cidade, quer na mais sertaneja aldeia, tem de preparar o futuro cidadão, por multiplas fórmas: — cultivando-lhe a intelligencia, formando-lhe o character, iniciando-o nos trabalhos profissionaes, despertando-lhe, em fim, a compreensão civica.

«Essa missão complexa e cheia de responsabilidades é a que o Estado moderno confia ás Escolas Normaes primarias. Ensino especialissimo pela sua natureza, requer dos professores, a quem é confiado, especiaes aptidões e variada cultura scientifica; requer tambem instelações apropriadas ao ensino experimental e intuitivo. Não podem, por isso, multiplicar-se, sobretudo num país de apoucados recursos, como o nosso, os institutos de ensino normal. Em meu parecer, é preferivel limitar o numero de escolas normaes a instalal-as sem as condições indispensaveis para o ensino especial, que se reclama dellas.

«Assim o compreenderam as nações mais cultas, onde a organização e instalação das Escolas Normaes se aperfeiçoa, dia a dia, demonstrando se nitida compreensão de que nunca se pôde considerar definitivamente organizado o ensino normal, porque elle obedece necessariamente á evolução da ciencia e a ciencia não estaciona.»

Concordamos plenamente com esta doutrina, que mostra a orientação que preside ás Escolas Normaes do Porto, como acima dissémos.

Desta fórma as Escolas Normaes do Porto, devem já poder fornecer certo numero de professores primarios em harmonia com a nova lei. Não sabemos se serão muitos ou poucos, pela razão de que até aqui o futuro não se desenhava assaz auspicioso para aquellos que se dedicassem a esta carreira, na expectativa de virem a auferir proventos pouco mais ou menos tão modestos como os de um creado de mesa.

Agora, porém, as cousas mudaram com a nova lei, que pretende estabelecer as cousas no seu verdadeiro pé, e considerar o professor primario o primeiro funcionario que tem a exercer a primeira missão social.

São do relatório que precede a nova lei estas palavras significativas: «... E nem só o Governo se preocupou em fundar, em bases scientificas, a escola normal para educar professores de instrução primaria. Deliberou já, para a seu tempo ser executada, em harmonia com os recursos do Tesouro, a criação da escola normal superior onde se habilitem os professores que hão de educar os professores primarios.»

A nova lei já garante aos professores primarios como era justo, remuneração mais razoavel e promete lhes progressivo aumento, indispensavel á sua independencia e condigno á missão que tem a desempenhar.

As Escolas Normaes do Porto chegou, pois, o momento de prestarem o seu grande auxilio á causa da instrução primaria, como aquellas que porventura já melhor se acham organisadas no país.

CAETANO ALBERTO.



Não são só os desgostos que trazem a velhice; excesso de prazeres tambem a produz.

«A' nossa descarga responderam gemidos de dôr, gritos e imprecações, bem como risos sinistros dos que escaparam.

«Pouco a pouco, porém, os gemidos fôrã-se extinguindo, levados pelo éco ás outras galerias mais distantes e deixando-nos novamente mergulhados em profundo silencio. Eramos senhores d'aquella parte da casa, e as machinas estavam em nosso poder.

— «Capitão Nepeen — disse eu — colloque-se com três homens no alto da escada, e veja se a pôde defender até que eu volte. Se tiverem medo de nos fazer frente agora, então não serão capazes de nos tornarem a atacar. . . Repare bem: somos sete homens expostos á luz e servindo d'alvo ás suas pontarias. Vá, e defenda a escada, que eu com estes respondo pela machina. Logo teremos tempo para dar caça a esses bandidos.

«Vi que me obedecia com pouca vontade. Nunca em dias de minha vida, vi homem mais desejoso de pelear do que aquelle marinheiro americano! Por sua vontade teria perseguido os piratas, como um rateiro, embora tivesse de correr atrás d'elles até ás portas do inferno.

— «Não irá sósinho, capitão, — exclamou, — isso seria uma loucura.

— «Levo dois homens commigo, e deixo-lhe o resto da gente.

— «O quê? Pois não receia? . . .

— Recear a quem? Um velho! — Ora deixe-se d'isso! Mais tarde falaremos sobre o assumpto, quando voltar. Talvez não seja mais que uma supposição minha, mas de toda a maneira, vou para diante.

«Alguma coisa tinha Nepeen ainda que requebrar, e deitando uma vista d'olhos á escura caverna para onde tinhamos disparado, e depois para as escadas que conduziam á casa da machina, disse:

— «O senhor corre um grande perigo, capitão, mas espero que se escapará d'elle. Com quanta gente calcula que se terá de haver lá em baixo?

— «Com um só homem — respondi, — e esse é meu amigo. Tambem é outra historia assombrosa que lhe contarei depois.

«E antes que elle me perguntasse qualquer coisa, dirigi-me para a casa da machina, levantei o reposteiro de coiro, e entrei.

«O mesmo aspecto de ha quarenta e oito horas. A caverna achava-se illuminada pela luz rubra que sahia das fornalhas e que ia reflectir nas paredes da rocha. De vez em quando viam-se umas figuras movendo-se em frente das fornalhas cujas portinholas se encontravam escancaradas.

«Lá estavam as poderosas caldeiras, as bombas enormes, os trepidantes cylindros, os veios limpos e brilhantes; mas o homem que, camaleando, avançou para mim, o homem que soltou um grito de alegria ao reconhecer-me, o homem que por ultimo cahiu a meus pés, implorando-me por amor de Deus que lhe desse de comer e de beber, não era com certeza um inimigo.

«Era Clair-de-Lune, o francez velho, e não foi preciso olhar para elle duas vezes, para reconhecer que estava muito proximo da morte.

— «Clair-de-Lune! . . . — exclamei cheio de admiração, — meu amigo! . . . O senhor por aqui? Devemos-lhe a vida! Por Deus! que nos enche de vergonha a sua situação!

«Estava tão pallido, o pobre homem, que parecia ter sahido n'aquelle momento da sepultura, e o suor cahia-lhe abundante pelo descarnado peito. As palavras vinham-lhe em torrentes, desejoso de contar-me de uma só vez, tudo quanto lhe tinha acontecido.

— «Três dias preso, e ninguem me veiu

vêr! — disse elle. — Assim que ouvi a sua voz, reconheci-o logo. «E' a voz do capitão Begg.» Folgo bastante em o tornar a vêr, *monsieur*, porque sei que é amigo. Arrombei a porta do meu carcere, e teria corrido para o pé de si, se soubesse onde estava. Mas, não ha ninguem em casa. . . todos fugiram! Julguei que os meus amigos morreriam se acaso não viesse eu proprio alimentar as fornalhas. Ha muitos homens commigo, mas não são de grande confiança. Ah! capitão Begg, comida e bebida, pelo amor de Deus! . . .

«Desmaiaria nos meus braços se o não tirasse d'aquelle sitio.

«Mais uma vez, graças á Providencia, eu e as pessoas que me são caras, fômos salvos pela fidelidade de um dos homens mais extraordinarios que Deus creou.

«No mesmo dia ás oito da noite. — Principio a crêr que o italiano tem razão, e que Czerny só tem oito homens na parte inferior da casa submarina. Não houve nenhum ataque contra os americanos a quem encarregámos das machinas, nem tampouco se teve noticia alguma dos piratas que fugiram de nós esta manhã, salvo os que nos trouxeram, dois d'elles, desgraçados! meio mortos de fome, e que se entregaram com armas e tudo á descripção, mas pedindo-nos que lhes dessemos alimento.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.



Obras poeticas de Ramos Coelho

..... Ha nos teus versos,
..... Um secreto condão que nos fascina,

RAMOS COELHO — Reflexões.

O notavel academico, José Ramos Coelho, reuniu em volume unico todas as suas composições rimadas, até agora dispersas em folhetos e brochuras cujos exemplares, em grande parte, se achavam exgotados.

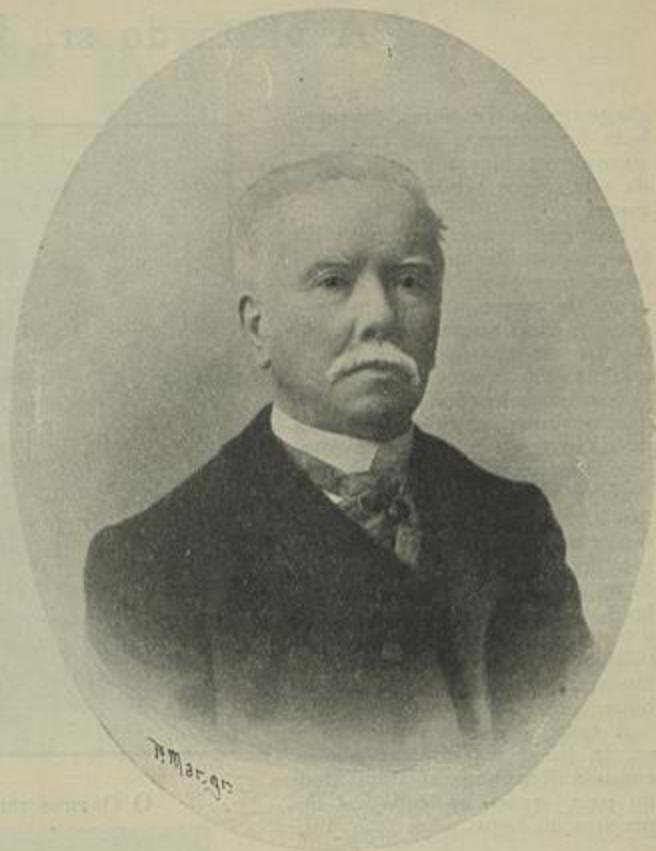
Preludios Poeticos — Novas poesias — Lampreios — Cambiantes — Reflexos — Vespertinas — Jerusalem Libertada (de Tasso), taes são os titulos d'essas joias litterarias de inspiração facúnda, em que a ultima, versão do italiano, representa para Ramos Coelho um eloquentissimo testemunho de pujante originalidade, isto é, acha-se traduzida a obra celebrada, com tal rigor de acêrto e com tanto sentimento interpretativo que o leitor, o menos que pode fazer, é julgar que o mesmo Tasso, possuidor dos segredos da lingua de Camões, de Vieira e de Herculano, publicou o seu poema, simultaneamente, no idioma da sua patria e no idioma portuguez.

Abrange o volume 854 paginas, incluindo n'esta cifra o espaço tomado pelas notas, erratas e indice que o acompanham, desde a pagina 767.

A abril-o, existe um prologo, que fêcha por estas palavras:

«Emfim aqui fico n'este meu livro como fui e como sou, com os meus erros e acertos, com as minhas illusões e desenganos, e com uma esperança, que, ainda, e apesar de tudo, me acompanha: a de achar, seja muito ou pouco o seu valor, intelligencias rectas que o apreciem, e corações generosos e sensiveis que me entendam.»

Com effeito, fica no livro e ficará na posteridade, por merito proprio e por direito legitimo, uma e outra cousa já consagradas pelas portas que se lhe abriram das nossas academias, das Sciencias de Lisboa e de Sciencias de Portugal



RAMOS COELHO

e ainda além fronteiras, na Italia, Hespanha, Suecia, Allemanha, França onde vultos authenticos de proeminencia illustrada verteram em lingua propria poesias de Ramos Coelho.

Não careço de alongar mais as presentes linhas, meramente noticiosas. O poeta, occupa logar inconfundivel na republica das lettras e a sua obra tem a justa consagração publica na voz da fama immorredora, pela auctorisadissima penna das primeiras summidades intellectuaes, no nosso paiz e lá fóra.

Por minha parte, apesar de preferir a Natureza, quanto á philosophia religiosa do illustre escriptor, tenho orgulho de nacionalidade com tal compatriota, mestre nas lettras e inspirado na Musa.

Abril, de 1911.

D. FRANCISCO DE NORONHA.



Visita do governador civil dr. Eusebio Leão a Torres Vedras

O dia 24 deste mez foi de festa publica na historica vila de Torres Vedras; historica sobretudo porque ella tem tomado sempre parte ativa nas evoluções politicas da patria portugueza, desde a fundação desta nacionalidade e pelos tempos fóra, constituindo as suas celebres linhas militares o baluarte em que se perderam as hostes de Napoleão, na sua ancia de avassalar o mundo, quando invadiram a nossa terra, como nas lutas fraticidas da liberdade, ali se decidiram as ultimas ações que lhe puzeram termo.

E' isto Torres Vedras, que não desmentindo o seu passado, foi agora das primeiras a abraçar o novo regimen, solemnizando com festas publicas a inauguração da nova bandeira nacional nos Paços do Concelho, no dia em que o primeiro magistrado do distrito ali foi de visita.

Logo de manhan, depois do toque de alvorada, as musicas tocaram o himno nacional e o orfeon, composto de creanças da vila, cantou a *Portuguesa*, subindo ao ar girandolas de foguetes e salvas de morteiros.

Assim se preparou a vila, toda engalanada por suas praças e ruas, com bandeiras, flôres e ricas colchas de seda pelas janelas até aos Paços do Concelho, cuja entrada e sala das sessões estavam lindamente ornamentadas, vendo-se ao fundo, entre trofeus de bandeiras, o retrato do presidente do governo, dr. Teofilo Braga.

Quando o governador civil sr. dr. Eusebio Leão

A visita do sr. dr. Eusebio Leão a Torres Vedras

chegou pelas tres horas, foi recebido festivamente por todas as autoridades locais e pelo povo da vila que o aclamou calorosamente.

Sua ex.^a visitou os Paços do Concelho, onde lhe fizeram condigna recepção, lendo o presidente do municipio uma mensagem de boas vindas, em que frizou os serviços prestados á Republica pelo sr. dr. Eusebio Leão, já como membro do Directorio, em que foi dos mais activos, já como primeiro magistrado do distrito, que com tanto zelo e acerto tem desempenhado seu alto cargo desde os primeiros dias da implantação do novo regimen. Discursou tambem o sr. Henrique da Silva, que em resumidas palavras fez a historia de Torres Vedras, e o reverendo prior Silva congratulando-se pela presença ali de tão alto representante da Republica.

A estes discursos respondeu o sr. dr. Eusebio Leão, explicando como a Republica se implantou no país, quaes os trabalhos de preparação feitos para esse fim,



O ORFEON INFANTIL CANTANDO A «PORTUGUEZA» Á CHEGADA DO SR. DR. EUSEBIO LEÃO

e a parte que nelles tomaram as missões diplomaticas empreendidas no estrangeiro, no sentido de saber se as potencias aceitariam bem a mudança do regimen em Portugal. Foi só depois de conhecer as disposições dessas potencias a respeito do nosso país, que se fez a revolução. O digno magistrado, ainda falou depois ao povo de uma das janelas da Camara, explicando-lhe bem quaes os direitos e deveres de todos os cidadãos para bem cooperarem na consolidação da Republica.

Depois das ruidosas aclamações e vivas com que o povo acolheu ás palavras do sr. governador civil, sua ex.^a visitou a Associação dos Bombeiros, o Centro Republicano, o Hospital e assistiu á parada do batalhão de voluntarios.

Por fim houve jantar no Hotel Natividade, que decorreu muito animado e em que se trocaram afetuosos brindes, retirando o sr. dr. Eusebio Leão, para Lisboa, pelas 11 horas da noite, no meio de calorosas ovações que o acompanharam em toda a visita.



CHEGADA DO SR. DR. EUSEBIO LEÃO — O SR. DR. EUSEBIO LEÃO PASSANDO REVISTA AO BATALHÃO DE VOLUNTARIOS

(Clichés A. Lima)

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar com **medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ.

Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º (á Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815



CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis